

TESOUROS DO NCE



**SEGUNDA
TEMPORADA**

EDIÇÃO 2016

TESOUROS DO NCE

Conheça a segunda temporada do Caça aos Tesouros do NCE (2016)

O protagonismo é de quem?

Por Larissa Naomy Kamikawa

Vermelho como o Céu: possibilidade de enxergar além dos olhos

Por Alessandro Zaharur Alves, Lucélia Martins de Souza e Murilo Teixeira Mendes

Caça aos tesouros NCE: conheça a série “Educom na raiz do Brasil”

TEXTO ORIGINAL: Elisa Canjani; TEXTO ADAPTADO: Elisa Canjani

Sombras do Ego: A expressão do Inconsciente no filme No Reino das Mães

Por Gabriel Cruz, Mayara Nunes, Geisa Reis e Elis Amaral

‘Entre os Muros da Escola’: reflexões sobre ensino público e educomunicação

Por Anna Broggi, Jefferson Onoe Ganev e Mariana Pereira



Segunda Temporada

O protagonismo é de quem?

Por Larissa Naomy Kamikawa

Vermelho como o Céu: possibilidade de enxergar além dos olhos

Por Alessandro Zaharur Alves, Lucélia Martins de Souza e Murilo Teixeira Mendes

Caça aos tesouros NCE: conheça a série "Educom na raiz do Brasil"

TEXTO ORIGINAL: Elisa Canjani; TEXTO ADAPTADO: Elisa Canjani

Sombras do Ego: A expressão do Inconsciente no filme No Reino das Mães

Por Gabriel Cruz, Mayara Nunes, Geisa Reis e Elis Amaral

'Entre os Muros da Escola': reflexões sobre ensino público e educomunicação

Por Anna Broggi, Jefferson Onoe Ganev e Mariana Pereira

Pesquisa Rápida



Últimas Notícias

Disciplina com metodologia de ensino por projetos e interdisciplinaridade debate o combate à desinformação sobre câncer

17/04/2024

Representante do NCE participa da 4ª Conferência Nacional de Cultura a convite do Ministério da Cultura

10/04/2024

Ingressantes de 2024 do curso de Educomunicação são recebidos pela comunidade acadêmica

18/03/2024

Arquivo

19/04/24, 21:18

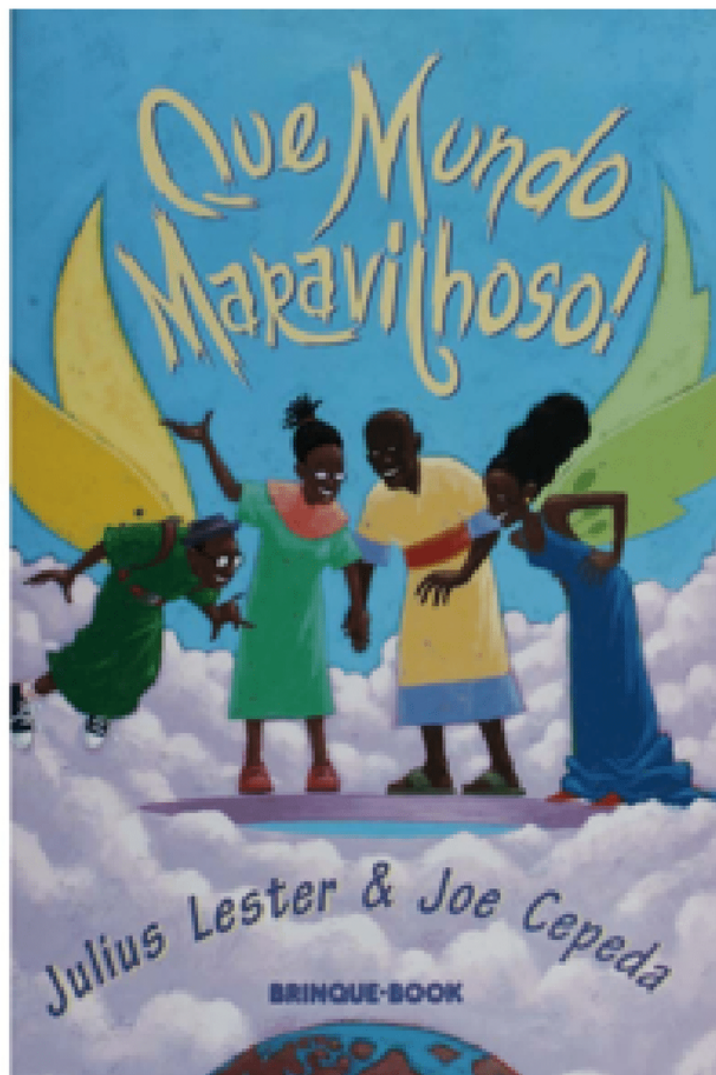
O protagonismo é de quem? | NCE | ECA | USP

12th December 2016

O protagonismo é de quem?

O protagonismo é de quem? Afinal, das minorias da sociedade é que não é. A questão racial, por exemplo, é um tema que grita a sua urgência todos os dias. Entretanto, muitas vezes (para não falar sempre) esse assunto é silenciado. Julius Lester escreveu um livro chamado "Que Mundo Maravilhoso!", ilustrado por Joe Cepeda. Nele, as tradições afroamericanas e a ficção são assuntos explorados no conto, que explica a origem do mundo a partir dessa visão.

O livro nos faz refletir sobre como o mundo, infelizmente, ainda é extremamente racista. A história, contada a partir da visão e da cultura da população negra, nos faz pensar no protagonismo que eles têm na sociedade e no cotidiano de todos nós.



Em um mundo ainda discriminador e preconceituoso, vemos que a representação dessas pessoas é mínima. O Brasil, que foi o último país do mundo a abolir a escravidão, ainda tem sequelas do seu passado, e é a população negra que ainda sofre com esse erro.

O livro pode ser transformador, principalmente para crianças e adolescentes negros que sofrem com a falta de representatividade e protagonismo. Ele mostra que, além de fazerem parte, elas foram e ainda são

<https://nce-usp.blogspot.com/2016/11/o-protagonismo-e-de-quem.html>

1/2

19/04/24, 21:18


O protagonismo é de quem? | NCE | ECA | USP

fundamentais na construção da história e das mudanças do mundo.

A obra infanto-juvenil é linda, muito bem ilustrada e pode ser uma luz que fornece o incentivo de promover mudanças dentro o caos que é a realidade.

Larissa Naomy Kamikawa

Postado há 12th December 2016 por [Anonymous](#)

 Adicionar um comentário



Digite um comentário

19/04/24, 21:18

Vermelho como o Céu: possibilidade de enxergar além dos olhos | NCE | ECA | USP

17th October 2016 Vermelho como o Céu: possibilidade de enxergar além dos olhos



[https://blogger.googleusercontent.com/img/b/R29vZ2xl/AVvXsEjmel-99dbAV5-_76o7OkfC_hqcAWKLVs1askkFoqwi5uZz9-59iiCU3WQQPip-rHnY1beTqdsqFQI0Ma8HW4euWB8W4B_DI3sDrkt7DEXgsracDR4Acu0-bo_O_la7Ninc95_Ru_d1Y4E/s1600/Vermelhor+com+c%25C3%25A9u.jpg]

A partir da experiência do cinema, estudantes da Licenciatura em Educomunicação foram desafiados a produzir textos coletivos sobre filmes que dialogam com o universo da Comunicação/Educação. A proposta é reunir diferentes percepções sobre um mesmo filme e construir coletivamente um ensaio. Os resultados do trabalho serão publicados por aqui.

Hoje, temos o texto de Alessandro Zaharur Alves, Lucélia Martins de Souza e Murilo Teixeira Mendes sobre o filme 'Vermelho Como Céu'.

Por Alessandro Zaharur Alves, Lucélia Martins de Souza e Murilo Teixeira Mendes

Sem a visão, os demais sentidos mostram-se dispostos a apresentar um mundo completamente novo. Em Rosso Come il Cielo (Vermelho Como o Céu) vemos as iniciais complicações e posteriores descobertas de um garoto amante dos filmes que percebe sua nova paixão, o efeito sonoro.

A obra conta, na década de 70, a história de um garoto chamado Mirco e seu inicial sentimento de inferioridade, por não enxergar. Tudo se inicia na paixão do garoto pela arte cinematográfica, levando-o a visitar o cinema com seu pai constantemente.

Certo dia, após uma corriqueira sessão, o menino toma-se a brincar com a arma de fogo de seu pai, mantida na

<https://nce-usp.blogspot.com/2016/10/vermelho-como-o-ceu-possibilidade-de.html>

1/3

19/04/24, 21:18

Vermelho como o Céu: possibilidade de enxergar além dos olhos | NCE | ECA | USP

sala de estar. Por consequência de um acidente, a arma dispara, deixando o garoto cego.

Após o ocorrido, Mirco se vê obrigado a ingressar em uma instituição de ensino específica, na qual era dirigida por freiras e atuava somente com deficientes visuais. Localizada em Genova, a instituição tornou-se a única saída, visto que as demais escolas públicas não encontravam-se adaptadas a nova condição de Mirco.

Sem saber lidar com seu novo estilo de viver, o garoto convive com outros meninos cegos e, devido a deficiência, fica limitado por várias regras, das quais a sua antiga escola e a vida com seus pais não partilhavam, tornando-o recluso aos poucos.

Mesmo com sua dificuldade, Mirco a todo momento faz questão de negar a deficiência, deixando sempre claro que enxerga, mesmo que pouco, e colocando isso como “troféu” diante de todos os seus colegas da escola, que também são cegos. Ele passa boa parte das cenas gabando-se de sua capacidade de descrever cores, formas etc.

Uma dos momentos que fica mais evidente seu desencontro com o ambiente, ocorre na aula de Braille. Nesta cena, ele acaba rejeitando qualquer aproximação que o professor tente com sua nova realidade. Após ser levado para a diretoria por conta de uma briga com um garoto do convento, Mirco encontra um gravador e, com a ajuda de Francesca, filha do zelador, e Felice, seu primeiro amigo no local, grava áudios de coisas que retratam as estações, no intuito de realizar a tarefa do professor.

A descoberta do “novo olhar” para Mirco é feita por meio da mediação do professor. Este conduz o menino a perceber que para enxergar necessita-se de todos os sentidos: tato, olfato, paladar, audição e a visão em conjunto, pois esta última é apenas um dos elementos que compõem a percepção humana e não o único e determinante. O professor ainda demonstrou-se fundamental na superação do garoto com sua suposta deficiência e no processo de descoberta do menino com a paixão pelos sons produzidos pelas diversas coisas.

Capaz de despertar variadas reflexões, as cenas e a história de modo geral mostram-se centro de discussão para os educadores, os educadores, os alunos, os professores e para todos aqueles que pensam nas diferentes concepções de sensibilidade. Além disso, aborda a inclusão do deficiente no âmbito social.

Permeado por metáforas, o filme inicia sua trama no “brincar”, que mesmo envolto ao restrito espaço das regras, continua a acontecer de diferentes formas, adaptando-se às possibilidades. As cenas trabalham a brincadeira dentro do campo, do quintal, com ou sem bola, ouvindo e utilizando a voz, recebendo sons do gravador, da árvore, do vento etc., usando a imaginação e o sonhar como “chaves” para novas descobertas e como prolongamento do universo das brincadeiras.

O sistema de ensino brasileiro atual tem trabalhado de forma bastante colaborativa com o apoio e com a adaptação aos deficientes. Entretanto, grande parte das instituições ainda trata a questão de modo similar ao filme, criando organizações específicas para cada deficiência. Tanto estudos como vivências já demonstram a inviabilidade desse método, visto que a convivência do deficiente com o indivíduo sem deficiência auxiliaria ambos em sua construção escolar e pessoal.

O grande “ponto-chave” encontra-se no tratamento cultural e social do deficiente, trabalhando-se e desenvolvendo o costume e a normalidade do assunto, dando apoio tanto para o deficiente, com sua inclusão, quanto para a pessoa sem deficiência, com sua adaptação.

Postado há 17th October 2016 por [Anonymous](#)

0 Adicionar um comentário

19/04/24, 21:18

Vermelho como o Céu: possibilidade de enxergar além dos olhos | NCE | ECA | USP



Digite um comentário

19/04/24, 21:19

Caça aos tesouros NCE: conheça a série "Educom na raiz do Brasil" | NCE | ECA | USP

5th December 2016

Caça aos tesouros NCE: conheça a série "Educom na raiz do Brasil"



[https://blogger.googleusercontent.com/img/b/R29vZ2xl/AVvXsEiz09WCemcrXFWDUIErrJ3s018ldS0Au289ksRgRmg2eUuY6gOXG_AOIRNmypetqt6S8NfcER1NI4pcW-1FoOMhoRp-skMuZ2WYE-uQH7tjFVnC_zlYVQwplTvRhiZmtqB0c7V-o0LO/s1600/porta120150903_slide5-960x480.jpg]

Conheça a série "Educom na raiz do Brasil":

A série é fruto de um trabalho proposto pelo Prof. Dr. Claudemir Viana, no primeiro semestre do curso de Licenciatura em Educomunicação. O objetivo aqui é abrir uma frestinha na janela para que todos possam dar uma espiadinha e, entre contribuições e reflexões, coletivamente consigamos chegar à resposta... A exigência era buscar nos arquivos do NCE, num período de duas horas, dois volumes que abordassem os interesses do grupo e atendessem ao desafio.

Conheça os textos da série e aproveite ;)

1. Educom convida: vamos à caça? [<http://nce-usp.blogspot.com.br/2016/11/1-educom-convida-vamos-caca.html>]
2. Educom desafia: você Conhece a Arte Negra? [<http://nce-usp.blogspot.com.br/2016/11/2-educom-desafia-voce-conhece-arte-negra.html>]
3. Educom pergunta: De Onde Vêm os Hábitos Alimentares? [<http://nce-usp.blogspot.com.br/2016/11/3-educom-pergunta-de-onde-vem-os.html>]
4. Educom analisa: É Possível Separar em Cores a Nossa Cultura? [<http://nce-usp.blogspot.com.br/2016/11/4-educom-desafia-e-possivel-separar.html>]


<https://nce-usp.blogspot.com/2016/11/caca-aos-tesouros-nce-conheca-serie.html>

1/2

19/04/24, 21:19

Caça aos tesouros NCE: conheça a série "Educom na raiz do Brasil" | NCE | ECA | USP

Postado há 5th December 2016 por [Anonymous](#)

 1 Ver comentários



Anonymous 8 de dezembro de 2016 às 04:09

Adorei, Dodô. Ficou lindo.

[Responder](#)



Digite um comentário

[Carregar mais](#)

19/04/24, 21:19

Sombras do Ego: A expressão do Inconsciente no filme No Reino das Mães | NCE | ECA | USP

17th October 2016 Sombras do Ego: A expressão do Inconsciente no filme No Reino das Mães

A partir da experiência do cinema, estudantes da Licenciatura em Educomunicação foram desafiados a produzir textos coletivos sobre filmes que dialogam com o universo da Comunicação/Educação. A proposta é reunir diferentes percepções sobre um mesmo filme e construir coletivamente um ensaio. Os resultados do trabalho serão publicados por aqui.

Hoje, temos o texto Gabriel Cruz, Mayara Nunes, Geisa Reis e Elis Amaral sobre o filme 'No Reino das Mães'.

Por Gabriel Cruz, Mayara Nunes, Geisa Reis e Elis Amaral.

A presença de outros que veem o que vemos e ouvem o que ouvimos garante - nos a realidade do mundo e de nós mesmos (Arendt, Hannah - A Condição Humana)



[https://blogger.googleusercontent.com/img/b/R29vZ2xl/AVvXsEgrEsoFV4PVsYc0jIwXXHq9xw7azqAcSwY3tVWY4rmfA1_75TeYEEM3TNkcqBJ5ENB2OBgWeOenmojS64ggGyZgBMb6t0jqV6PtgTI97Uh3hNIEIGIFjHZUrJe5utQACTn_QZ0tQpBcigE/s1600/edu.jpg]

Imagens do inconsciente: 'No Reino das Mães' é um documentário, filmado por Leon Hirszman em parceria com Nise da Silveira, que retrata a vida de Adelina, uma moça pobre, tímida e submissa a mãe que após se sujeitar a decisão da família de não aceitar seu namorado, inicia um processo de reclusão, de perda do logos, passando por fases vegetais - Adelina se desenha como mulher flor - todas descritas no filme através de pinturas e esculturas mostradas em um fundo preto.

Com uma fórmula aparentemente clichê/explicativa da linguagem cinematográfica- o fundo, preto e transições em fade in e fade out - o documentario esconde por trás um pensamento muito mais complexo, a vontade do diretor de mergulhar o espectador no Ego, ou melhor, na sombra do Ego, o inconsciente.

<https://nce-usp.blogspot.com/2016/10/sombras-do-ego-expressao-do.html>

1/5

A participação polimórfica - onde todas as técnicas cinematográficas ocorrem para mergulhar o espectador tanto na atmosfera, como na ação do filme - é contrária a um primeiro entendimento de passividade diante das diversas imagens passadas sistematicamente diante dos nossos olhos.

As imagens feitas por Adelina são manifestações de um inconsciente sombrio, nascidas do estímulo à criação artística, onde a paciente estabelece um contato maior com o mundo exterior, "expulsando seus demônios" de uma certa forma, o que contribui para a mesma apresentar melhora clínica, uma autocura através da arte.

Arte Terapia e Educomunicação

A arte como recurso terapêutico tem suas primeiras experiências com Johann Reil, médico alemão. Mas foi com Carl Gustav Jung, conhecido como pai da **psicologia** analítica, psiquiatra e psicoterapeuta suíço que, ao focar seus estudos na natureza simbólica da psique humana, desenvolveu o conceito de arquétipo - imagens universais que se encontram no inconsciente coletivo e persistem através dos milênios refletindo-se em diversos aspectos da vida humana - o desenvolvimento desse conceito possibilitou um maior entendimento para desvendar as imagens produzidas pelos pacientes. Nise da Silveira trabalhava com a leitura Junguiana dos arquétipos. Como aluna de Jung, desenvolveu suas interpretações acerca dos temas recorrentes nas obras de arte de Adelina, fundamentada em três arquétipos: Hécate, Deméter e Maria.

O filme "No Reino das mães" nos conta a história de Adelina baseado nos relatos escritos por Nise da Silveira em seu livro de 1981 "Imagens do Inconsciente", escrito quando trabalhou no hospital psiquiátrico de Engenho de Dentro, aonde, ao recusar-se a utilizar de lobotomia ou eletrochoque para tratamento dos pacientes diagnosticados com esquizofrenia, revolucionou os procedimentos. Transferida para a área de Terapia Ocupacional do hospital atribuiu um novo significado à essa área que era praticamente inutilizada.

Reformou a sala de Terapia Ocupacional e passou a deixar os pacientes livres para criar através da arte, enquanto isso os observava e fazia anotações.

Nise apresenta semelhanças pontuais com a Educomunicação através de seu processo de cura pela expressão artística. Até então, com as práticas horrendas em manicômios (confira aqui para saber mais sobre as condições desumanas em manicômios no Brasil), o tratamento de pacientes se baseava majoritariamente em processos físicos, com eletrochoque, lobotomia e administração abusiva de sedativos.

O paciente, que em sua maioria era um indivíduo isolado socialmente, era desconsiderado como um ser com consciência, com vivência, com experiências sensíveis significativas e que poderiam ser estimuladas para se tornar esse elo psíquico com a realidade física, comum; a partir da influência de Nise, ao aplicar a liberdade de expressão dos pacientes através de processos estéticos e introspectivos (que, no caso, é o processo criativo artístico de expressão do Eu através de analogias, de metáforas e de livre associação com memórias sensitivas) para que, ao paciente se expressar à sua maneira única de entender o mundo sob a ótica especial de sua condição, ele mesmo comece a se ver da maneira que se entende, e não da maneira como o mundo à sua volta tenta definir. Este processo de respeito ao mundo interior de quem passa pelo processo lembra o conceito de considerar a vivência, experiência de mundo e conhecimentos do aluno em sala de aula, de torná-lo centro do próprio processo de aprendizado.



[<https://blogger.googleusercontent.com/img/b/R29vZ2xl/AVvXsEhPamZFouuRBmFyReQc3xt0Pr5vzowfwdfZZNuSv4WWFfWNqqArWOtDTTzbbYGSbsTPz0OyhCQ38GmZM0x1HhIrusjdnhOc8DOLccTwFYbRFbgGx-fFsx1QlcwJyau3EIgRyxNzjxMxa3w/s1600/Din+din+din.jpg>]

A instituição aparece como agente apagador das individualidades, que suprime a subjetividade para fins de controle. Uma das cenas usadas para representar o espaço manicomial apresenta várias mulheres que como Adelina usam vestidos azuis, as cores da instituição, a mesma cor das paredes e da roupa de todos. O indivíduo diluído não pode ser encontrado, não tem palavra, não tem rosto: onde está Adelina? (Relações com a escola? Qualquer semelhança não é mera coincidência)



[https://blogger.googleusercontent.com/img/b/R29vZ2xl/AVvXsEhHcUXsMUSHUcjNdsBGxnxwuUxc6j-wu291AdoS5JN3TXjGHc30brQda_9g3COewcKuyadkcVIJ378CNQE7aVKTLdTBxP6pXb4vwW4bOT5zIYFVfNQuivsTxc0aZFu3DJ4X9WwSQvBOXo/s1600/vamos.jpg]

No retrato da instituição, são frequentes os corredores escuros que terminam em fachos esperançosos de luz. Adelina frequentemente é representada à janela, iluminada por uma luz exterior que contrasta com a escuridão e com os gestos padronizados de organização do manicômio.

Quando o paciente faz parte de seu próprio processo de cura, se torna mais provável que este se torne mais pertencente às próprias questões e, como se diz de maneira mais regular, acabe por se empoderar. A célebre frase, antigamente encontrada na entrada do Oráculo de Delfos “conhece-te a ti mesmo” ilustra a relevância vital de todo ser humano confrontar o que sente com o que pensa, pesando contextos, momentos, ações, reações e memórias de modo crítico, afim de que conheçam como o que é exterior afeta o que é interior de sua consciência.

Fazendo o comparativo com a Educomunicação, é nítido o aumento da confiança do aluno que realmente se torna centro do próprio processo de aprendizado e vê as qualidades estimuladas. A escola tradicional desestimula a exploração de diferentes virtudes devido à abordagem lógica presente em todas as disciplinas, incluindo-se também neste problema a pouca flexibilidade das atividades no ambiente escolar, assim como também o espaço do aprendizado.

Esse documentário nos faz refletir sobre a importância da valorização da subjetividade. Como é possível através da arte, que até mesmo alguém diagnosticado com esquizofrenia, exteriorize seus sentimentos internos. E mais do que isso, nos mostra como a arte passa de pura expressão de um universo interior, para recurso comunicacional entre paciente e psiquiatra.

Devido à todas essas reflexões que proporciona é um filme com alto teor educativo, que com certeza pode e deve ser utilizado para levantar questionamentos à respeito dos modelos tradicionais presentes na sociedade e a

19/04/24, 21:19

Sombras do Ego: A expressão do Inconsciente no filme No Reino das Mães | NCE | ECA | USP

importância de romper com tais modelos para que surjam alternativas mais eficazes, sejam elas no campo da educação, da psicologia, etc.

Para saber mais:


[https://www.blogger.com/goog_45236343] http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300012 [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300012]

http://www.doc.ubi.pt/04/artigo_luiz_vadico.pdf [http://www.doc.ubi.pt/04/artigo_luiz_vadico.pdf]

Link do filme no You Tube:

<https://www.youtube.com/watch?v=4ChafsprUsI> [<https://www.youtube.com/watch?v=4ChafsprUsI>]

Postado há 17th October 2016 por [Anonymous](#)

 Adicionar um comentário



Digite um comentário

19/04/24, 21:19

'Entre os Muros da Escola': reflexões sobre ensino público e educomunicação | NCE | ECA | USP

9th September 2016 'Entre os Muros da Escola': reflexões sobre ensino público e educomunicação

A partir da experiência do cinema, estudantes da Licenciatura em Educomunicação foram desafiados a produzir textos coletivos sobre filmes que dialogam com o universo da Comunicação/Educação. A proposta é reunir diferentes percepções sobre um mesmo filme e construir coletivamente um ensaio. Os resultados do trabalho serão publicados por aqui.

Hoje, temos o texto de Anna Broggi, Jefferson Onoe Ganev e Mariana Pereira sobre o filme 'Entre os Muros da Escola'

Por Anna Broggi, Jefferson Onoe Ganev e Mariana Pereira

Se você tem mais de 20 anos e se seu contato com a escola pública só ocorreu em sua época escolar, é bem provável que este filme lhe seja surpreendente. Se você acredita que a Educação está ruim em nosso país e culpa as autoridades, os professores e até mesmo a nova geração de alunos que anualmente preenche as salas de aulas, este filme pode te levar à reflexão e à constatação de que existe um problema um pouco mais complexo e delicado: o método de ensino. E não se trata de um problema apenas em nossas escolas, é um problema bastante comum pelo mundo.

Entre os muros das escolas há uma súplica velada por atenção, reflexão e ação. Entre os Muros da Escola (Entre les murs) é um filme dirigido por Laurent Cantet, com gravações realizadas em 2008, de origem francesa, baseado no livro homônimo de François Bégaudeau. Todo o filme se passa nos ambientes de uma escola do subúrbio de Paris e os atores que dele participaram, desde os alunos até os profissionais encarregados pelos afazeres que a mantém, são representantes de seus próprios papéis. A grande maioria, inclusive, utiliza seus nomes e características reais para a identificação de seus personagens.

Para compreender a essência retratada neste filme e nas rotinas das escolas públicas francesas, inicialmente, é preciso desconstruirmos a imagem que temos de que os estudos educacionais estão restritos a um espaço físico como o da escola ou da própria sala de aula. Eles transpõem estes espaços e refletem a vida extramuros de seus integrantes – alunos e professores. Além disso, atualmente, é necessário direcionarmos nosso olhar a uma França imigrante, isto é, compreendida por indivíduos oriundos de diferentes localidades, imigrantes legais ou ilegais, de países da própria União Europeia, ou ainda de antigas colonizações francesas como o Reino de Marrocos, Argélia e a República de Mali, ou mesmo do Caribe e da Ásia. Dada a esta expressiva diversidade, não é de surpreender que ocorram choques de culturas, hábitos, religiões, crenças e valores junto à formação destes alunos.

No filme, François Marin (François Bégaudeau) tem sua rotina de professor retratada de modo cronológico, desde sua apresentação aos demais colegas professores até o término do ano letivo e, é durante o ano letivo que a narrativa acontece.

É possível encontrarmos indícios de uma estrutura fragilizada de ensino logo na reunião de professores, período que antecede o início das aulas. Neste momento, os professores do ano anterior apresentam os alunos para o professor que assumirá a turma. Esta apresentação resume-se a bom e mau comportamento – o aluno é nivelado apenas por seu comportamento, isto é, pelo cumprimento ou descumprimento do regime disciplinar.

Marin é um professor de Francês de uma turma do oitavo ano (série que comporta alunos na faixa etária dos 14 e 15 anos) e que reúne esta variada gama de individualidades. Seus alunos são jovens e, como todo jovem, encontram-se em um ritmo demasiado diferente àquele que percebemos na escola. Questionamentos e posturas agressivas, comportamentos impulsivos, enfrentamentos, indolência e indiferença são algumas das características presentes em seus alunos. Alguns dos professores, seus colegas, lhe

https://nce-usp.blogspot.com/2016/09/entre-os-muros-da-escola-reflexoes_9.html

1/6

19/04/24, 21:19

'Entre os Muros da Escola': reflexões sobre ensino público e educomunicação | NCE | ECA | USP

expõem suas angústias e suas insatisfações diante de turmas tão reativas às aulas. O desabafo explosivo do Professor Vincent é um exemplo desta insatisfação, em que ele acredita ser motivada pela falta de respeito e perspectiva de um futuro melhor.

Alguns alunos assumem papel importante nesta narrativa, como é o caso de Esmeralda, Koumba, Souleymane, Boubacar, Wey e Carl. Esmeralda e Koumba são duas adolescentes que afrontam Marin constantemente, ora questionando suas metodologias e práticas, ora se recusando a cumprir as atividades impostas. Possuem características ímpares e, questionadoras, muitas vezes levam Marin à reflexão ou a adotar práticas tão impulsivas quanto às delas. Não há vilões ou culpados nesta troca.

Há indivíduos comuns buscando o estabelecimento de uma comunicação em um ambiente que já não consegue mais supri-la. E, constatamos isso com a presença de Boubacar e Souleymane. O primeiro pode ser visto como aquele aluno que tumultua a aula, enquanto o segundo assume um papel mais complexo, adota uma postura ferina e indiferente ao que lhe ocorre no entorno – é um jovem buscando formar sua identidade, mas tido pelos modos convencionais, de maneira errada.

Os métodos adotados, a noção que se possui de disciplina e, muitas vezes, a falta de abertura a diálogos que insiram os alunos aos seus reais contextos sociais, tornam a sala de aula um campo minado e motivo para uma crescente indiferença a tudo que lhes é apresentado. Wey destoa, em parte, deste universo, pois se enquadra como um aluno aplicado e esforçado. Contudo, apresenta as dificuldades de adaptação ao idioma e aos hábitos franceses, visto tratar-se de um imigrante ilegal da China. Carl, um jovem caribenho, se reunirá à turma posteriormente, vindo transferido de outra escola. Não é apresentado o motivo, mas fica subentendido que sua transferência se deu por causa de sua expulsão da antiga escola por mau comportamento.

Neste panorama, as aulas arrastam-se para os alunos e mostram-se um verdadeiro desafio para o professor que busca em seus alunos a mínima atenção e o respeito à sua posição. Embora tenha autonomia plena às aulas, Marin, é ainda um professor reprodutor da escola convencional buscando na linguagem uma porta para a comunicação efetiva; ele parece ignorar a pedagogia urbana que vem formando concomitantemente seus alunos e, por razões óbvias, é bem mais atraente e interessante do que as aulas.

Muitas vezes, é possível notar tentativas de adoção de novas práticas que retenham a atenção ou o interesse de seus alunos. Um exemplo disso é quando solicita um trabalho de autorretrato textual, em que os alunos devem retratar suas próprias informações, características e gostos. Souleymane não desenvolve o trabalho a contento, mas manifesta-o por meio de fotografias. Reconhecendo nesta ação uma linguagem, Marin busca convencê-lo a expressar-se como um pintor: por meio das fotografias, a fim de se autorretratar. Elogia o trabalho do aluno e expõe sua narrativa fotográfica à turma. Eis uma centelha de êxito para ambos.

19/04/24, 21:19

'Entre os Muros da Escola': reflexões sobre ensino público e educomunicação | NCE | ECA | USP

expõem suas angústias e suas insatisfações diante de turmas tão reativas às aulas. O desabafo explosivo do Professor Vincent é um exemplo desta insatisfação, em que ele acredita ser motivada pela falta de respeito e perspectiva de um futuro melhor.

Alguns alunos assumem papel importante nesta narrativa, como é o caso de Esmeralda, Koumba, Souleymane, Boubacar, Wey e Carl. Esmeralda e Koumba são duas adolescentes que afrontam Marin constantemente, ora questionando suas metodologias e práticas, ora se recusando a cumprir as atividades impostas. Possuem características ímpares e, questionadoras, muitas vezes levam Marin à reflexão ou a adotar práticas tão impulsivas quanto às delas. Não há vilões ou culpados nesta troca.

Há indivíduos comuns buscando o estabelecimento de uma comunicação em um ambiente que já não consegue mais supri-la. E, constatamos isso com a presença de Boubacar e Souleymane. O primeiro pode ser visto como aquele aluno que tumultua a aula, enquanto o segundo assume um papel mais complexo, adota uma postura ferina e indiferente ao que lhe ocorre no entorno – é um jovem buscando formar sua identidade, mas tido pelos modos convencionais, de maneira errada.

Os métodos adotados, a noção que se possui de disciplina e, muitas vezes, a falta de abertura a diálogos que insiram os alunos aos seus reais contextos sociais, tornam a sala de aula um campo minado e motivo para uma crescente indiferença a tudo que lhes é apresentado. Wey destoa, em parte, deste universo, pois se enquadra como um aluno aplicado e esforçado. Contudo, apresenta as dificuldades de adaptação ao idioma e aos hábitos franceses, visto tratar-se de um imigrante ilegal da China. Carl, um jovem caribenho, se reunirá à turma posteriormente, vindo transferido de outra escola. Não é apresentado o motivo, mas fica subentendido que sua transferência se deu por causa de sua expulsão da antiga escola por mau comportamento.

Neste panorama, as aulas arrastam-se para os alunos e mostram-se um verdadeiro desafio para o professor que busca em seus alunos a mínima atenção e o respeito à sua posição. Embora tenha autonomia plena às aulas, Marin, é ainda um professor reprodutor da escola convencional buscando na linguagem uma porta para a comunicação efetiva; ele parece ignorar a pedagogia urbana que vem formando concomitantemente seus alunos e, por razões óbvias, é bem mais atraente e interessante do que as aulas.

Muitas vezes, é possível notar tentativas de adoção de novas práticas que retenham a atenção ou o interesse de seus alunos. Um exemplo disso é quando solicita um trabalho de autorretrato textual, em que os alunos devem retratar suas próprias informações, características e gostos. Souleymane não desenvolve o trabalho a contento, mas manifesta-o por meio de fotografias. Reconhecendo nesta ação uma linguagem, Marin busca convencê-lo a expressar-se como um pintor: por meio das fotografias, a fim de se autorretratar. Elogia o trabalho do aluno e expõe sua narrativa fotográfica à turma. Eis uma centelha de êxito para ambos.



[https://blogger.googleusercontent.com/img/b/R29vZ2xl/AVvXsEg7_KwUrFrXvB3Ei6mPX5XldIRplzWTxB23YFxoWN5Z7hR0siWMhclGFOCqzB9ZwM1LvcDEdbLB_Ykkl9KL37r-P-WFUSn-WHAXn6NdXKY418mWaT6Fz8TGFaXFrCbT7DWErOswNXFBOQQ/s1600/paulo+freire+educom.jpg]

Ainda que o professor François Marin se esforce para transmitir os conhecimentos que sua disciplina exige, pouco – ou nada – se percebe de evolução em sua turma. Os interesses são outros e, não incomum, é possível identificar situações tão parecidas dentro das salas de aulas brasileiras: alunos dormindo, usando o telefone celular, trocando bilhetinhos e conversando. Guardadas as devidas especificidades das rotinas da escola francesa, notamos que este incômodo, esta insatisfação tanto do professor quanto do aluno, não é privilégio da educação brasileira, mas um mal-estar presente em salas de aula de todo o mundo contemporâneo.

Em uma sociedade cada vez mais tecnológica, digital, impositiva de ações criativas e inovadoras, manter um método analógico, arcaico e endurecido pela hierarquização de títulos ou rigores disciplinares distanciam cada vez mais as pontes dialógicas entre estes dois grupos. Marin, por exemplo, não é um docente despreparado, mesmo encontrando-se à beira de um abismo comunicacional, busca fortalecer os vínculos necessários para localizar os alunos valendo-se de uma linguagem unidirecional. Suas falas ao coletivo não são recebidas e são refutadas, enquanto que quando fala individualmente e buscando aspectos particulares de cada aluno, possui maior facilidade de se fazer compreendido e respeitado. Seus alunos estão ou buscando timidamente a construção de sua própria metodologia ou anulando seus reais potenciais. Esmeralda, por exemplo, há de surpreendê-lo no momento em que relata que sua leitura de interesse espontâneo fora A República, de Platão. E descreve, à sua maneira, a narrativa do diálogo socrático.



[https://blogger.googleusercontent.com/img/b/R29vZ2xl/AVvXsEjhb0v4CALbVsapxqtD9D3gTS_0vVD1UqoVmA4U4WuM3grEljZ677x21xyjl6UeLSw7TKY2mhsOBvJWzN5UpOBuBx_AREmrDtlrN1NkcEqQ35vf54jqa0Xxpx2b5gDcvcgfCrkp4TPW7g/s1600/edcom+paulo+freire+l.jpg]

Identificar saberes ou os diferentes caminhos para ele é uma tarefa sutil e trabalhosa para o professor. Tanto que, para Marin, após um incidente desencadeado por uma fala impulsiva, o leva a tentar o convencimento de seus colegas à reversão da expulsão de um de seus alunos. O sentimento de impotência – talvez de culpa – o coloca no lugar de ser humano, sobretudo após Khoumba informá-lo da possibilidade deste aluno ser enviado de volta à aldeia maliana por seu pai, caso seja expulso.

Compreende que seu próprio ato foi incorreto, demonstra ares de arrependimento e sabe que havia no aluno grande potencial, mas já pouco pode fazer para evitar sua transferência, diante dos fatos ocorridos.

Ao término do ano, o professor questiona seus alunos sobre o que aprenderam das aulas. Cada um refere um gosto especial por determinado assunto ou disciplina. Até mesmo os que menos se comportaram trazem relatos interessantes sob suas próprias impressões. Encerrada a aula, Henriette se aproxima dele e, com ares de apreensão e desalento relata que sente que não aprendeu nada. Nada do que viu fez sentido ou compreende. Marin busca dissuadi-la desta impressão, dizendo-lhe que aprendeu tanto quanto os outros, que ela não precisava se preocupar com isso, pois estava indo para o nono ano e teria tempo, nas férias, para pensar sobre tudo isso.

Fica a dúvida ao expectador se esta assertiva de François Marin reflete sua crença ou foi apenas uma negação diante de um fato, relatado com sinceridade. O ano se encerra com uma partida de futebol entre todos os professores e alunos e, ao longe, com a sala vazia e móveis em desalinho, ouvem-se os gritos quentes de torcida e comemoração, levando-nos a perceber que fora da sala de aula tudo parece mais divertido, amigável e unificador.

Sobre François Bégaudeau



[https://blogger.googleusercontent.com/img/b/R29vZ2xl/AVvXsEiMHnyamtiJLRLA3jLfDhp-dS8eypEpVP5zbPexO4r-jL7oQR-xw1f4mWhopazeEqQMli4DdkfE6J4h7vRvEPLW2JpodmPs84uEdg0S8svM5pvJamp-HeIrMacl0RyYeAjhE5s_6RW05g/s1600/fran%25C3%25A7ois-begaudeau-%25C2%25A9-claire-Koc-2011-3.jpg]

François Marie Bégaudeau nasceu em 1971, na comuna francesa de Luçon, tendo vivido sua infância toda em Nantes, onde veio a realizar seus estudos em Letras Modernas. Filho de professores, viria a herdar o ofício posteriormente. Além de professor, é ainda escritor de ficção e drama, poeta, jornalista, artista plástico, roteirista, colunista e ator francês, conhecido por seu livro *Entre les Murs*, que ganharia uma versão para o cinema em 2008, no qual representa um professor.

Foi cantor e dialogista do grupo punk Zabriskie Point, de 1992 a 1999. Tendo se formado em Literatura, veio a lecionar na cidade de Dreux e, posteriormente, em 2003, publicou seu primeiro romance, o *Jouer Juste*. Em 2005, publica *Dans la Diagonale* e *Un démocrate Mick Jagger 1960-1969* – relato romanceado sobre a vida do cantor britânico. No ano de 2006 publica *Entre les murs*, seu terceiro romance, inspirado em suas experiências como professor na Zona de Educação Prioritária (ZEP), no Colégio Mozart, em Paris.

Em 2007, receberia o convite do diretor Laurent Cantet para levar às telas do cinema a adaptação de seu livro e, em sete semanas consecutivas, foram realizadas as filmagens com membros da própria instituição educacional e alunos, todos nãoatores. Auxiliou no roteiro de *Entre les murs* em colaboração com Laurent Cantet. O filme revelou-se um sucesso atraindo mais de 350 mil espectadores em seus cinco primeiros dias de exibição. Seu filme lhe renderia diversas indicações e prêmios, como foi quando recebeu a Palma de Ouro (Palme D'Or), no Festival de Cannes, em 2008 e, embora não tenha vencido, foi indicado ao Oscar de melhor filme estrangeiro, em 2009.

Desde então, colabora em colunas de jornais e revistas, história em quadrinhos, consultoria junto à Educação, programas televisivos, teatro e cinema e escreve seus livros.

Postado há 9th September 2016 por [Anonymous](#)

19/04/24, 21:19

'Entre os Muros da Escola': reflexões sobre ensino público e educomunicação | NCE | ECA | USP

0 Adicionar um comentário



Digite um comentário